

RESENHAS

WEIDEMANN, Paul Wevering.

EVANGELIZACION: educacion y promocion dederechas.

Campinas, Projeto PUCCAMP - Villarrica, 1991, tese de mestrado (mimiografado).

A tese de Monsenhor Paul Wevering Weidemann aborda a ação evangelizadora dos missionários capuchinhos no Chile, entre 1848-1958, encarada como obra de educação e promoção dos direitos dos índios.

Trata-se de discutir a fundamentação da evangelização do Novo Mundo como obra educativa e de promoção humana, de defesa da pessoa do índio.

Numa primeira parte a tese do Padre Paulo expõe a atuação de Frei Bartolomé de Las Casas, como precursor e modelo da ação a ser desenvolvida pelo missionários na América. Mostra a inspiração de seu trabalho na Escolática espanhola e na Escola de Salamanca. O Pe. Paulo relaciona a evangelização de Las Casas com a dos missionários capuchinhos italianos e os franciscanos que, no Chile, contribuíram para a afirmação dos direitos dos índios.

Nosso autor procura estabelecer três momentos na obra missionária: o do Pe. Las Casas, que lutou na Guatemala e México na época da conquista, para que se reconhecesse a condição humana dos índio; o dos padres italianos que, no Chile, procuraram preservar a cultura indígena; e, finalmente, o dos padres bávaros que, também no Chile, se esforçaram em possibilitar aos indígenas a sobrevivência "como minoria étnica, sem que se perca a alma de sua própria cultural (a dos índios), num Estado moderno absorvente" (p. 169). Este último momento é vivido pelos religiosos de Villarrica, no sul do Chile, que tem no Monsenhor Paul um exemplo admirável e comovedor.

Nos três momentos, evangelização e educação foram sinônimos de promoção humana, de afirmação dos direitos dos índios.

A tese é sucedida por uma ampla bibliografia histórica e filosófica, que tanto enfoca a questão ética da conquista da América quanto elucida sobre a história da conquista e a história dos povos indígenas.

Trabalho importante, que faz ressoar, na América de hoje o ensinamento e a paixão de Las Casas e a tradição medieval de um ética e uma educação centradas na pessoa.

Constança Marcondes Cesar

GALMÉS, LORENZO.

Bartolomeu de Las Casas, defensor dos direitos humanos,
São Paulo, Paulinas, 1919.

O presente texto é uma biografia do Frei Bartolomeu de Las Casas, o sacerdote que viveu do final do século XV à primeira metade do século XVI e cuja obra evangelizadora e de pensamento se caracterizou pela defesa dos índios.

Seus escritos são considerados de grande atualidade, pelas posições abertas e pela luta que empreendeu em favor dos índios, contra os abusos praticados pelos colonizadores.

Objeto de estudos sistemáticos e de seminários e colóquios na Europa, a obra de Las Casas começa a ser posta à disposição do leitor brasileiro, através da tradução do relato de Las Casas sobre a conquista, ***O Paraíso Destruido***, editado pela L & PM e pela tradução que agora comentamos, do texto de Galmés.

O autor da biografia, Lorenzo Galmés, é dominicano, doutorado em História e professor de História da Igreja em Valencia, na Espanha.

O livro é dividido em cinco capítulos, no primeiro aborda o contexto histórico e os dados biográficos do jovem Las Casas, no segundo, a atuação de nosso frei nas Índias Ocidentais e a sua

conversão em 1515, que vai torná-lo um dos mais ardentes defensores dos direitos dos índios.

O terceiro capítulo mostra o esforço de Bartolomé na Costa da Espanha, culminando com a divulgação do documento papal *Sublimis Deus*, em 1537, condenando a escravidão dos indígenas.

O quarto capítulo mostra o trabalho de evangelização na Guatemala e a luta contra a corrupção, que a "lista de crimes e abusos" enviada ao Conselho das Índias pelo evangelizador. Os documentos serviram para a primeira redação da história geral da colonização e como base da *Brevíssima relacion de la destruicion de Las Índias* (traduzida, no Brasil, com o nome de *O Paraíso Destruído*). Las Casas obteve a promulgação de leis espanholas que potessem os índios de opressão dos desmandos dos colonizadores, e seu reconhecimento como vassalos da coroa espanhola. O capítulo IV aborda ainda os tratados sevilhanos impostos em 1552 e 1553, durante a estadia de Las Casas em Sevilha, série de denúncias contra os abusos praticados então; apresenta também as controvérsias do frei com Sepúlveda e Motolinia.

No capítulo quinto, o autor faz um apanhado da importância da *História geral das Índias*, dos últimos anos de Las Casas, de seu testamento e da ressonância de sua obra ao longo da história.

Texto claro e bem estruturado, faz passar ao leitor admiração pelo apaixonado defensor dos direitos humanos e sua fascinante luta em prol dos indígenas.

Constança Marcondes Cesar

SIEBENEICHLER, Flávio Beno,

Jürgen Habermas - Razão Comunicativa e Emancipação

RJ, Tempo Brasileiro, 1989, 160 p.

A obra de Flávio Beno Siebeneichler é um apanhado substancial de todo o pensamento de Jürgen Habermas. Acha-se dividida em 5 (cinco) capítulos abordando-se de forma clara e sucinta os pressupostos da filosofia crítica habermasiana.

Segundo o autor, o que Habermas propõe é um reinvestimento no saber racional crítico-dialético. Habermas opta pela crítica dialética da sociedade onde a razão não estaria voltada ao benefício da técnica mas sim ao conhecimento teórico aplicado.

Para tanto, o filósofo da Escola de Frankfurt aproxima a filosofia às ciências empírico-analíticas e sociais numa tarefa de comunicação. A teoria habermasiana faz uso da linguagem e da comunicação caracterizando-se como a Teoria da Racionalidade Comunicativa.

Segundo Habermas a sobreposição da razão instrumental sobre a razão crítica facilitou a crise da sociedade contemporânea; não se trata propriamente de uma crise do sujeito nem da consciência cultural mas crise de todo o sistema que, por sua vez, engloba a economia, a sociedade e a política.

A razão crítica, e portanto, dialética, encaminha o homem à comunicação e ao consenso de valores. O diálogo, a razão dialética, leva o homem à emancipação; a linguagem e a comunicação constituem-se na condição para a emancipação do todo social.

A filosofia, por sua vez, coloca-se em diálogo com as ciências, caracterizando-se numa atividade aplicada na sociedade; a razão comunicativa transforma-se num agir comunicativo cujo fim é a ação social. A teoria do agir comunicativo visa interpretar o processo de modernização da sociedade contemporânea através de uma hermenêutica macroscópica, ou seja, a filosofia une-se à antropologia, à psicologia e à sociologia; trata-se portanto, de uma teoria crítico-co-prática na tentativa de apresentar um entendimento acerca da sociedade.

Habermas acaba por fundamentar uma ética baseada na racionalidade comunicativa permitindo ao indivíduo a sua socialização e integração totais. Trata-se de uma ética que procura superar o ceticismo que caracteriza o século XX, uma ética voltada à sociedade que se deixou vencer pelo progresso da ciência e da técnica, submetendo-se à tecnologia até a perda de sua individualidade.

Maria Lucia Dario

(Mestranda em Filosofia PUCAMP)

GUATTARI, F.,

As três ecologias, trad. M. Cristina Bittencourt.

Campinas - SP, Papirus, 1990, 56 p.

Os filósofos também se preocupam com a ecologia. Félix Guattari (pensador multiface, polêmico e aventureiro) apresenta neste pequeno, mas profundo texto, alternativas possíveis (as ecologias mental, social e ambiental) para fazer frente à deterioração progressiva das relações do indivíduo com ele mesmo, com os outros e com o meio ambiente.

A vida na Terra está ameaçada em todos os domínios e isto é agravado pelo desconhecimento, conformismo e fatalismo paralisante das pessoas.

Desta forma, é necessário, segundo Guattari, reinventar e recriar urgentemente novos modos de relacionamento (retomada ecosófica) do casal, família, escola; novas solidariedades, novas suavidades... Só assim será possível fazer frente ao poder do Capitalismo Mundial Integrado (C. M. I.) que penetrou nas mentes das pessoas, nas relações entre elas, no trabalho e nas formas tradicionais de luta dos sindicatos e partidos políticos.

Não há como voltar atrás. É preciso lidar com o que está aí, a partir do que está aí e a ecologia ambiental é apenas um começo...

Vera Irma Furlan

Instituto de Filosofia - PUCAMP

MORAIS, João Francisco Régis

O que é ensinar.

São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

Um pequeno livro de apenas 63 remadas. Um percurso de barco pelas águas densas da experiência educacional, literalmente vivida pelo autor como ex-aluno, poeta, especialista em Educação e sobretudo professor.

Desde o início, a aventura instiga o leitor a ser sincero, à maneira que se apresenta o autor, a fim de não correr riscos de produzir “moeda falsa”. Em conseqüência, ondas de ressonância se fazem sentir em nossa consciência de educador e nos levam a repetir, reflexivamente, algumas de suas originais e pertinentes metáforas. Mas que loucura resenhar uma obra de cunho autobiográfico. Melhor seria, e é isso que fizemos, compilar simplesmente as idéias vividas e as vivências pensadas do autor, como quem busca despertar nos professores e alunos o desejo também de “remar”.

I - Objetivos do autor

“... desejo instalar mais uma vez o diálogo em torno da questão do ensinar.” (p. 2)

“... me voltarei bem mais para o ensino institucional, pois parece-me que nas escolas é que no momento estamos vivendo a maior crise educacional...” (p. 13)

“Estas linhas querem ser uma reflexão filosófica colocada em termos não especializados e voltada para a definição, ou, mais humildemente, para uma aproximação explicativa do que é ensinar.” (p. 13)

II - Pressupostos, princípios e pontos de vista do autor

1. Dialogar sobre o ensino é um risco.

Mas, “só prossegue realmente vivo dentro da vida aquele que aceita ser vulnerável” (p. 1).

2. O valor da experiência como ex-aluno e professor.

“... nas coisas do espírito o produto do que se viveu também é elemento de legitimação de valores e pontos de vista.” (p. 3)

“... exponho o literalmente vivido...” (idem).

3. A sinceridade como signo da verdade.

“... minhas impressões (...) isto não garante verdade, mas traz a força da sinceridade.” (p. 3)

4. Relatividade da análise realizada, do ‘approach’.

“... guardo clara consciência de que a visão de ensino que apresento certamente é uma “leitura” - dentre muitas outras possíveis...” (p. 3).

5. Postura política.

“Particularmente tenho defendido o ponto de vista segundo o qual, por nossos salários baixos brigaremos com os patrões, pelas salas superlotadas brigaremos com nossos administradores; mas o educando, cujos pais estão em dia com seus impostos ou com as mensalidades das escolas particulares, este não deve e não pode ser atingido por nossas lutas” (p. 7).

6. Dispensabilidade do professor.

“O professor indispensável é aquele que sabe ensinar a caminhada independente, ou seja, a sua própria dispensabilidade” (p. 30 e epígrafe de André Gide).

7. Construção de um saber.

“... acredito no compromisso que as escolas têm com a busca de um saber, considero coisa para se levar a sério a discussão em torno da questão dos programas e da matéria ensinada” (p. 42).

8. Tempos outros exigem outras soluções (nada de saudosismos).

“Estou, entretanto, convicto de que os tempos agora são outros e estão a pedir soluções educacionais diferentes das que meus saudosos mestres usaram conosco” (p. 60).

III. DEFINIÇÕES DE ENSINO

1. “O ensinar é um amplo movimento de vida entre o educador e o educando, entre o mestre e o discípulo” (p. 5).

2. "... intento de promover as condições necessárias para, transcendendo o instruir a o adestrar, auxiliar o encontro da inteligência do educando com a vida, o encontro de sua sensibilidade com a pluralidade rica do viver" (p. 6).

3. **Ensinar informal do cotidiano:** "... dar a uma criança uma língua, um idioma que será seu (...), marcá-la com a estrutura de uma mentalidade" (p. 8).

4. **Ensinar metodológico e sistemático:** "... reflexões pe-dagógicas (acompanhadas de) recursos didáticos desenvolvidos a custo por séculos" (p. 9).

5. "...o ensinar tem direta implicação no detonar da criatividade do educando" (visando **iluminações interiores**) (p. 9).

6. "...o ensinar é a ultrapassagem da **coexistência** para a **convivência**" (p. 10).

7. "... ensinar acaba sendo quase que a 'arte' de degelar as relações, sem cair em intimidades indiscretas e indevidas" (p. 10).

8. "... ensino, hoje em dia, é quase o nome operacional da educação" (p. 12).

9. "Ensinar é, hoje, transpor as mediações negativas de uma sociedade objetal (voltada para o **ter coisas**) para atingir, contra variados obstáculos, a sensibilidade e a inteligência do educando (...) com a força da nossa paixão e com a sinceridade do nosso amor pelo ideal de **ser mais pessoa**" (p. 14).

10. "...ensinar é um processo que corre no leito do momento histórico com todas as suas condicionantes" (p. 15).

11. "... ensinar é expor-se ao educando... (com a finalidade) de auxiliá-lo empenhadamente a encontrar a ciência pelo caminho da consciência... do outro, do mundo e de si mesmo" (p. 30).

12. "... ensinar é um processo de desencadear conflitos (...), é tornar claro o choque entre ignorância a informação, entre alienação e consciência político-social, entre perplexidade e compreensão, entre o 'feijão e o sonho' (o princípio do desejo e os limites da realidade) etc" (p. 33).

13. "... auxiliar o educando a romper com velhos vícios maniqueístas do pensamento" (p. 33).

14. "Ensinar é, sim, uma forma de intervir em vidas humanas, mas pelo **convite** e não pela **invasão**" (p. 34).

15. "... ensinar é mesmo uma tarefa de totalidade, no sentido de que cabe (...) ao professor querer tentar, sinceramente, contribuir para que seus alunos divisem, no horizonte amplo do viver, as tensões e as distensões necessárias..." (p. 37).

16. "... ensinar é provocar um encontro sensível e inteligente com a vida... (para) mostrar a seus alunos a importância de ser **vulnerável** ao outro" (p. 38).

17. **Sentido etimológico.** "IN SIGNARE: marcar com um sinal, marcar com o sinal da paixão de viver e de conhecer, conviver e participar" (p. 39).

IV - RISCOS E EQUÍVOCOS APONTADOS PELO AUTOR

1. Concepção mecanicista de ensino:

O ensino visto como **adestramento**, isto é, criação de comportamentos **úteis**, interessantes a determinados grupos, mas que não considerem o crescimento do indivíduo que os tenha (p. 5)

2. Concepção espontaneísta

Idéia livre de ensino, representada pela afirmação: "Ninguém ensina ninguém, é o indivíduo que aprende" (p. 7). Ensino cujo comando fica a cargo apenas do aluno, "na linha de uma permissividade que só faz mal" (p. 52). "O professor assume uma condição de impotência, marcada pela omissão e pela permissividade" (p. 53).

3. Concepção determinista

Decorrente do "reprodutivismo educacional", de pensadores como Bourdieu e Passeron, que reduz o ensino a uma técnica de transmissão de má fé e vê a instituição escolar como aparelho ideológico do estado com as mesmas funções violentas da burocracia e da polícia. "Em suma: os professores seriam os sacerdotes destacados para zelar do templo dos interesses dominantes" (p. 24).

4. Concepção Pragmatista

Ensino que opta por desenvolver nos jovens uma subservidade acrítica, fazendo do aluno um dependente, entregue a um tafetismo descontrolado e/ou à superinformação fragmentária, a título de prepará-lo para os exames vestibulares (p. 30).

5. Concepção doutrinária

Concepção que procura eliminar os conflitos do ensino, transformando-o num expediente de "compra" de consciências, "fazendo cabeças" e desnortando-as inconseqüentemente" (p. 33). Através do direcionismo autoritário o educador antecipa a escolha pessoal do aluno, reduzindo-o a mais um no "rebanho" obrigado a seguir o professor ou apenas a obedecer ordens (p. 54).

6. Concepção apolítica

Postura pedagógica que tenha evitar o inter-humano, o contato com o semelhante (sociabilidade), protegendo o aluno numa redoma, distante do calor humano do companheirismo (p. 38-39).

7. "Educação libertadora" sem compromisso

Idéia distorcida de educação libertadora que se desobriga de tudo: "dos compromissos fundamentais de trabalho, do respeito nos comentários sobre outros, todo dever natural passando a ser visto como uma imposição autoritária" (p. 55).

8. Expectativa educacional primeiro-mundista

Concepção a-histórica que pressupõe um projeto de educação no Brasil como se estivesse na Suécia ou na Alemanha, "contando com reações discentes a tal ponto maduras e compenetradas como freqüentemente não se encontram por aqui" (p. 56).

V - METÁFORAS ENCONTRADAS NO TEXTO

1. MOEDA = INFORMAÇÃO

"Quem se equivoca de coração limpo não produz moeda falsa. Os moedeiros falsos têm nítida intenção de má fé" (p. 3).

2. CAMINHO = VIDA

A vida é um caminho e "ninguém pode caminhar pelo outro o caminho que é do outro" (p. 10).

3. COMPANHEIROS DE JORNADA = EDUCADOR E EDUCANDO

"... nem nós podemos caminhar o caminho do aluno por ele, nem este pode caminhar o do mestre. O máximo que se pode fazer é ambos descobrirem juntos conflitos comuns para que, sendo companheiros de uma jornada, tentem superá-los - do campo pessoal ao político amplo" (p. 35)

4. GUERRILHEIRO = EDUCADOR TRANSFORMADOR

"Talvez nem sejam os mais barulhentos, mas dedicam-se à sua guerrilha cultural com uma vontade que só se vê nos loucos e nas crianças" (p. 26).

5. REFORMA DE UMA CASA = DESENCADEAMENTO DE CONFLITOS

No ensino como em uma casa, para reformar é preciso primeiro derrubar paredes, arrancar pisos, empoeirar o ambiente... "Experiência de perplexidade e até, às vezes, de irritação. Até que, feito o trabalho, tudo possa ser rearranjado de maneira mais salubre e confortável" (p. 32).

6. FEIJÃO E SONHO = PRINCÍPIO DO DESEJO E LIMITES DA REALIDADE

Conflitos que devem ficar claros na convivência educacional. (p. 33).

7. E. T. (SER GALÁCTICO) = PROFESSOR CARISMÁTICO

Não é necessário "que todo professor viva por corredores e salas de aula **derrubando** carisma ao ponto de parecer um ente vindo de distantes galáxias" (p. 38).

8. MAPAS DE NAVEGAÇÃO = PROGRAMAS DE ENSINO

Os programas são "o mapeamento da busca de um saber". Nós professores "estamos muito parecidos com os pilotos de

navegação marítima do século XVI que deixavam influir em seus mapas de navegação a força incontível das crenças e superstições” (p. 43).

9. BUROCRATOSAURUS = ADMINISTRADORES ESCOLARES

“Quem tem de educar os ‘burocratosaurus’ é a comunidade mais dinâmica da escola, composta de alunos e professores, entre os quais acontece de fato o ensinar” (p. 47).

10. CICLOPE = VESTIBULAR

O que se vive hoje, em termos escolares, “é uma corrida tonta de bate-cabeças perante o Ciclope: o vestibular” (p. 48).

11. REVOLUÇÃO COPERNICIANA NO ENSINO

O educando ocupando o centro do processo de ensino (p. 52).

12. PÊNDULO NA EDUCAÇÃO = OSCILAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Movimento que vai de um extremo (ensino centrado apenas no professor) a outro (ensino centrado exclusivamente no aluno) (p. 52).

13. PEIXE COLORIDO = IDÉIA CRIATIVA

Ensinar a “pescar” (criar, imaginar, desenhar, fantasiar) é mais importante que formatar um peixe, de modo que os alunos “possam pintar peixes da cor dos que emergem das suas águas interiores” (p. 55).

14. FAQUIR = POVO OPRIMIDO

Da mesma forma que se dá a um faquir, que está em comer há muito tempo, água e alimentos leves até chegar-se devagar aos sólidos, “a um povo há tanto tempo acostumado aos monossílabos da opressão é preciso dar um tratamento cauteloso” (p. 56).

15. REMAR = VIVER

Temos que saber, enquanto professores remadores, “que para chegar ao destino o que importa é remar bem agora” (p. 60).

VI - TEMÁTICA RECORRENTE

1. Família (pp. 18-22)
2. Tipologia docente: a) burocratizado; b) conservador inconsciente e c) tenaz transformador (p. 25)
3. Dinâmica de relacionamento professor-aluno para exploração temática de conteúdo (p. 35)
4. Motivação (p. 36)
5. Auto-disciplina (p. 36)
6. Programas:
 - a) declaração de intenções intelectuais
 - b) mapeamento da busca de um saber (p. 43)
 - c) roteiro de temas para exercício de sensibilidade e inteligência
 - d) oportunidade para uma leitura da realidade carregada do amadurecimento das experiências (p. 44).
7. Evasão escolar (p. 47) e Estágio (p. 47)
8. Exames vestibulares (pp. 6, 48-49. 57)
9. Disciplina (p. 54)
10. Educação libertadora (p. 55)
11. Liberdade (p. 56) e relações pedagógicas (p. 56)
12. Autoridade (p. 59)
13. Patologia das relações pedagógicas:
 - a) inutilidade docente e inutilidade discente
 - b) hipertrofia do mestre e hipertrofia do discípulo (pp. 57-58).

João Baptista de Almeida Junior
Instituto de Filosofia - PUCAMP